

Actas
do
XIV Encontro Nacional
da
Associação Portuguesa de Linguística
(Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)

Organizadas por

Ana Cristina Macário Lopes
Cristina Martins

Vol. I

Braga
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA
1999

AS TERMINAÇÕES NASAIS NAS ACTAS DAS VERAÇÕES DE LOULÉ
(SÉCULOS XIV-XV)

ESPERANÇA CARDEIRA
(Universidade de Lisboa)
MARIA ALICE FERNANDES
(Universidade do Algarve)

A questão da convergência das terminações *-am* e *-om* em *-ão* tem sido longamente discutida. Em dois pontos concordam todos os autores:

- a) a conservação de três terminações diferenciadas, *-ão*, *-am*, *-om*¹, correspondentes a diferentes etimologias, é considerada como um dos parâmetros essenciais do português arcaico (vd. por exemplo, Maia 1995:24);
- b) no século XVI estas terminações tinham já convergido para *-ão*²: prova-o claramente o *Cancioneiro Geral* em que surgem em contexto rimático palavras grafadas com *-am* e *-ão* com as três origens (vd. por exemplo, Mattos e Silva 1991:75).

A mudança processou-se, portanto, durante o período do português médio.

As hipóteses que têm sido formuladas para explicar a convergência das terminações *-ã* e *-õ* em *-ão* podem resumir-se a duas perspectivas: a ditongação como evolução fonética espontânea ou a ditongação como evolução analógica.

Na primeira perspectiva se colocam Nobiling (1903), Leite de Vasconcellos (1911)³, Jean Bourciez (1949), que entendem esta ditongação como resultado do aparecimento de uma vogal paragógica em final de sílaba terminada por vogal nasal⁴. Mais recentemente, Rodney Sampson (1983) retoma a abordagem fonética afirmando que a ditongação se produziu por admissão de uma semivogal homorgânica junto das tónicas finais.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1930) refere-se a esta evolução como um "fenómeno analógico, estético, imaterial". É também como processo analógico que Williams (1933 e 1938) e Tilander (1959) justificam a convergência em *-ão*⁵. O impulso analógico atribui-o Williams à 3ª pes.pl. do indicativo presente do verbo *ir*⁶ e aos nomes em *-ão* < -ANU; para Tilander, a origem desta analogia estaria no dualismo dos nomes em *-am*, de importação, e *-ão*, autóctones, dualismo que teria resultado na formação analógica de novas formas em *-ão*.

Outros autores, como José Joaquim Nunes (1919), Edouard Bourciez (1910), José Inês Louro (1952) ou Lipski (1973) preferem conciliar as duas perspectivas⁷. E. Bourciez admite a analogia na evolução *-ã* > *-ão* mas entende que para os nomes em *-õ* teria actuado um processo de dissimilação; Inês Louro (1952:54), aceita que as terminações *-am* e *-om* tenham recebido uma vogal paragógica que não formava ditongo, mas acredita que a evolução para o ditongo se teria dado devido a um "conjunto de causas, quer fonéticas, quer analógicas"; Lipski aceita a explicação fonética para *-am*, *-om* > *-ão* e a analógica para **-ōw* > *-ão*.

Ambas as explicações, a analógica e a fonética, foram recentemente reformuladas por Ramón Lorenzo (1988), Rosa Virgínia Mattos e Silva (1991) e Ana Maria Martins (1995). R. Lorenzo lembra que as terminações actuais do galego, conservadoras, revelam as medievais: uma hiática [ã] e duas constituídas por vogal oral+consoante nasal, [aŋ] e [oŋ]. Quando [-ã] se tornou ditongo teria atraído analogicamente a terminação também tónica [ãŋ], estendendo-se depois essa atracção às terminações átonas, num momento em que o perfeito *-rom* e o mais-que-perfeito *-ram* já se confundiam⁸. Ao mesmo tempo, *-om* tónico (em que já confluira *-ōe* < -UDINE) deve ter-se confundido com *-am* tónico e depois com *-ão*.

Rosa Virgínia Mattos e Silva reformula uma hipótese fonética que considera a manutenção em sílaba final da consoante nasal, sob a forma de semivogal homorgânica⁹. Assim, no diassistema do português teriam existido, para além de [ẽ], os ditongos [ãw] (< -ANU e < -ã < -ANE, -ANT) e [õw] (< -ō < -ONE, -UNT). Como a oposição entre [ãw] e [õw] não tem rendimento funcional significativo na distinção léxica e sendo [ãw] a realização prestigiada na norma que se estabelece no século XVI, a selecção recaiu sobre [ãw]. A mesma autora sugere que esta mudança se teria iniciado "por uma variação [õ] ~ [ã] em posição não-acentuada" (Mattos e Silva 1991:75).

Diferente é a posição de Ana Maria Martins (1995) que recorre a dados dialectais para esclarecer a história das nasais finais. Perante esses dados verifica que a ditongação de *-ã* e *-õ* corre paralela à ditongação de *-ẽ*. Como alguns dialectos portugueses mostram que enquanto as vogais nasais tónicas podem sofrer ditongação as átonas se conservaram, revelando uma dependência entre ditongação e acentuação, devemos concluir que "esta mudança fonética, na

origem, só atinge as vogais tónicas" e que "se algum papel há que atribuir à analogia será seguramente o de ter feito com que os ditongos se propagassem às terminações átonas" (Martins 1995:643).

*
*

Na análise que faz de um texto da segunda metade do século XIII, o *Foro Real*, Azevedo Ferreira (1987) regista duas formas de perfeito terminadas em *-ã* e uma de futuro em *-om*¹⁰. Os casos de confusão nas terminações nasais datáveis desse século são, contudo, escassos e discutíveis¹¹. Mas no século XIV surgem já exemplos claros de divergência entre a terminação portuguesa e a etimologia: Mattos e Silva (1989) encontra nos *Diálogos de S. Gregório* variação gráfica no perfeito e mais-que-perfeito e Azevedo Ferreira (1980) regista, na *Primeyra Partida*, variação no futuro e no imperfeito.

Na viragem do século XIV para o XV, entre 1384 e 1408, as *Actas das Vereações de Loulé*¹² apresentam ainda correspondência regular entre os segmentos nasalizados finais dos nomes e a sua etimologia:

	< -ANU		< -ANE	< -ONE
	< -ão > / < -aao >	< -om >	< -am >	< -om >
1384-5	6	0	13	20
1392-6	0	0	3	19
1408	3	1	9	42

Quadro 1: Representação gráfica das terminações nasais dos nomes (valores absolutos).

Como pode ver-se no quadro 1, a correspondência entre terminação nasal e etimologia nos nomes é quase perfeita¹³. Uma única excepção: a forma *ortellom* (< HORTULANU-), com apenas uma ocorrência e já no século XV¹⁴.

Excluimos, contudo, deste quadro, dois vocábulos que nos parecem merecer tratamento especial. São os nomes *escrivão* e *tabelião*. Apesar de os étimos serem, respectivamente, SCRIBANE¹⁵ e TABELLIONE-, as formas documentadas, aqui e em outros textos (Maia 1986:603), indiciam uma provável influência analógica mútua: é possível que a evolução SCRIBANE- > *escrivam* tenha conduzido a uma evolução TABELLIONE- > *tabeliam* (Louro 1952:42), mas também é aceitável que a evolução regular TABELLIONE- > *tabeliom* tenha exercido alguma influência na passagem de SCRIBANE- a *escrivom*. E talvez a indistinção entre as terminações destas duas formas tenha conduzido, neste caso, a um mais rápido processo de convergência. O que é certo é que aqui surgem quer *tabeliom* e *tabeliam*, quer *escrivam*, *escrivom* e *escrivao*¹⁶.

	<i>tabelião</i>		<i>escrivão</i>		
	<-om>	<-am>	<-am>	<-om>	<-ao>
1384-5	28	5	7	0	2
1392-6	5	6	5	1	0
1408	2	5	6	5	0

Quadro 2: Representação gráfica dos segmentos nasalizados finais nos vocábulos *tabelião* e *escrivão* (valores absolutos).

As formas que não respeitam a etimologia ocorrem já na década de oitenta, mas é na década seguinte que a confusão nas terminações se torna mais evidente e no início do século XV, no caso de *tabelião*, a variante não etimológica é já a predominante¹⁷. Curioso é verificar a presença em 1385 de duas ocorrências da grafia <escrivao>, grafia que não voltará a repetir-se nas décadas seguintes, mas que demonstra a existência, já em oitenta, de uma variante não etimológica¹⁸.

Da análise das palavras gramaticais releva um ainda maior respeito pela etimologia: em formas como *nom*, *senom*, *tam* e *gram* (num total de 183 ocorrências distribuídas pelas três décadas que o *corpus* abrange) a grafia que representa o segmento nasal continua regularmente a terminação latina. Também aqui, uma única excepção: uma ocorrência de uma variante *entam*, em 1385, frente a três ocorrências de *entom* em 1408¹⁹.

É na análise da flexão verbal que se detecta maior indistinção, como pode ver-se nos quadros 3 e 4:

		1384-5		1392-6		1408	
		<am>	<om>	<am>	<om>	<am>	<om>
Indicat	presente	41	2	21	1	3	5
	imperf	41	13	28	8	11	25
	fut.pres.	1	3	1	0	0	2
	fut.pret	2	3	8	0	1	1
Conjunt	presente	37	3	10	2	25	21

Quadro 3: Representação gráfica das sequências nasalizadas da 3ª pessoa do plural, correspondentes à terminação etimológica -ANT (valores absolutos)

	pretérito perfeito		pres. ind. vb. <i>ser</i>	
	<-om>	<-am>	<-om>	<-am>
1384-5	90	9	6	2
1392-96	38	2	5	0
1408	150	13	13	1

Quadro 4: Representação gráfica das sequências nasalizadas da 3ª pessoa do plural, correspondentes à terminação etimológica -UNT (valores absolutos).

Se na década de oitenta a percentagem total de formas que não continuam a terminação etimológica se eleva já a 14%, no início do século aumenta para 25%. Mas é nas formas com origem na terminação -ANT que a variante não etimológica é mais frequente: em 1384-5 ela ocorre em 16% dos casos e em 1408 em 57%; no pretérito e na 3ª pes. pl. do presente do verbo *ser*, a percentagem desce para 10% na década de oitenta e para apenas 8% em 1408²⁰.

Nos gráficos seguintes pode ver-se como aumentam progressivamente, nestas três décadas, as ocorrências de formas não etimológicas em quase todos os tempos verbais analisados:

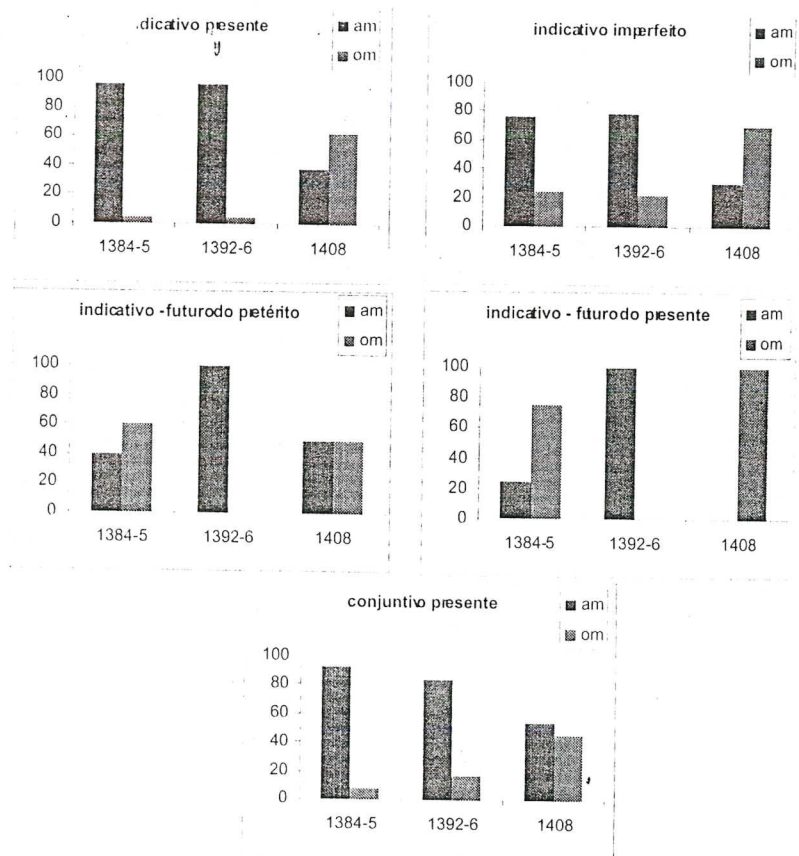


Figura 1. Representação gráfica das sequências nasalizadas da 3ª pessoa do plural, correspondentes à terminação etimológica -ANT (valores em percentagem).

A oscilação verifica-se em todos os tempos, atingindo tanto as terminações acentuadas como as não acentuadas. Contudo, parece ser no indicativo imperfeito que esta variação se mostra mais significativa: em 84-5 a percentagem de formas do imperfeito que não respeitam a etimologia é de 24%, elevando-se no início do século XV já a 69%. Significativa é também a evolução destas formas no conjuntivo presente: na década de oitenta atingem apenas 8%, mas em 1408 ascendem a 46%²¹.

Já o mesmo não sucede com as formas que continuam a etimologia -UNT: apesar de haver variação, a grafia largamente predominante, em qualquer das três décadas abrangidas pelo corpus, é a etimológica, quer para o pretérito perfeito, quer para o indicativo presente do verbo *ser*:

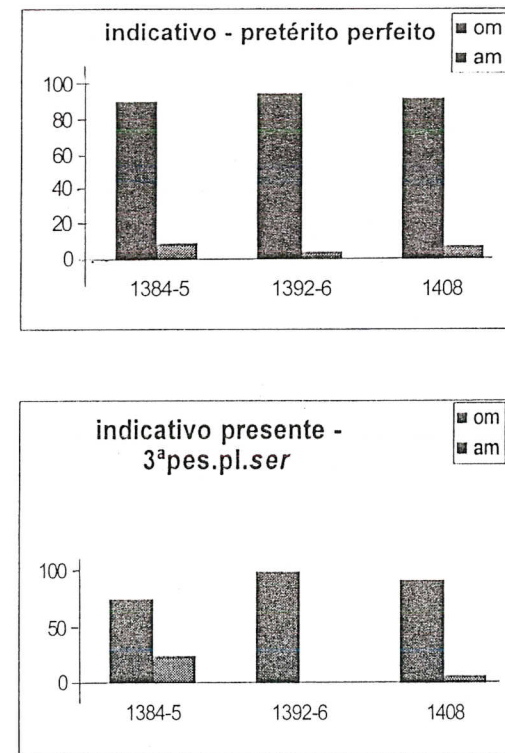


Figura 2. Representação gráfica das sequências nasalizadas da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, e do presente do indicativo do verbo *ser*, correspondentes à terminação etimológica -UNT (valores em percentagem).

Se compararmos as terminações tónicas com as átonas, verificamos que, no conjunto, as tónicas que não continuam a terminação etimológica atingem 17% no século XIV e 24% em 1408; para as terminações átonas esses valores não se modificam muito: 12% no século XIV e 26% no XV.

Nas formas tónicas incluímos também as terminações dos verbos *haver*, *dar* e *estar*, *am*, *dam* e *estam*, que têm respectivamente 16, 9 e 3 ocorrências no século XIV. Destas, apenas uma, *dom*, apresenta a grafia <-om>, em 1396. Em 1408, a proporção é já diferente: se as 6 ocorrências de *ham* têm sempre grafia etimológica, já as duas ocorrências do verbo *estar* apresentam oscilação: *stam* (1) / *stom* (1). No presente do indicativo do verbo *ir* surgem as grafias *vaao* (duas ocorrências em 1384) e *vao* (1), *vaam* (1), *vom* (1) (em 1408), que sugerem uma equivalência entre as três terminações já com realização, nesta forma, do ditongo. Também no conjuntivo há variação: *vam* (1) / *voo* (1) em 1408²².

Concluindo, parece evidente que a indistinção entre as terminações nasais se verificava já nos finais do século XIV e se iria tornar cada vez mais consistente na transição para o século XV. Parece claro, também, que nessa fase de transição a alternância se tinha tornado já significativa na flexão verbal mas não ainda na classe dos nomes.

As formas em que a evolução se mostra mais significativa são as do indicativo imperfeito e as do conjuntivo presente. Ou seja, é nas terminações átonas com origem em -ANT que se verifica um maior crescimento da grafia não etimológica. A ligeira divergência entre os resultados obtidos na observação das formas de terminação átona e tónica, aliada à ocorrência da grafia <ao> apenas em formas tónicas, sugere que o processo de confusão entre as terminações nasais pode ter tido início nas formas tónicas da flexão verbal. Mas quando o processo se propagou às terminações átonas, é possível que a sua difusão se tenha efectuado mais rapidamente nestas do que nas acentuadas. Se a mudança, na origem, só atinge as vogais tónicas, como pretende Ana Maria Martins, então estamos a assistir já, na viragem do século, a uma segunda fase do processo. Só uma análise mais alargada de documentação datada e com origem diatópica diversificada permitirá clarificar esta questão.

Notas

1 A existência de três terminações diferentes no português arcaico é um ponto pacífico. Questão diversa é saber se essas terminações tinham vogais nasais. Se é consensual que a síncope da consoante nasal deixou nasalizada a vogal anterior na terminação hiática *-ão* < -ANU, já a interpretação das terminações -ANE, -ANT > *-ã* e -ONE, -UNT > *-õ* pode ser polémica: a generalidade dos autores fala de "terminações nasais", referindo-se aos três casos mas Ramón Lorenzo (1988:295) distingue a terminação *-ão*, com vogal nasal que forma hiato com a vogal seguinte, de *-õ* e *-ã* que interpreta - baseando-se no estado actual do galego - como vogal oral seguida de consoante nasal.

2 Há, no entanto, diversas regiões do domínio linguístico português onde não se deu essa convergência. Leite de Vasconcellos (1911:142n.1 e 144n.6) diz que *-õ* é a terminação galega e *-ou* a interamnense, também presente em parte da Beira. Em *Esquisse d'une dialectologie* (1970:§45c) precisa: "L'arch. *-om* < -ONE, mod. *-ão*, est devenu *-ou* dans le Baixo-Minho, dans le Baixo-Douro et dans la partie de la Beira située en face de cette dernière région". Cintra (1963:76) reafirma a presença no galego das terminações *-on* e *-an* ou *-ao* e no minhoto *-õ* ou *-ou*, mas não recorre a este traço na elaboração da *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, nem a ele alude na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Também Pilar Cuesta (1980: 61, 65, 70, 72, 91, 93, 97 e 99) afirma que o ditongo *-ão* < -ONE se mantém "na sua forma arcaica (õy) ðõ Baixo Minho, Baixo Douro e parte da Beira" e que "aparece como *-ã* no Alto Minho: *irmão* (*ã*)". Anota ainda a evolução leonesa ANU > *-ã* no falar de Riodonor e -ANE > *-ã* no mirandês, bem como a assimilação da terminação -ANU a -ANE, "dando as duas *-an* ou (*ã*)"

no falar de Valverde del Fresno, Eljas e S.Martín de Trevejo. Quanto ao galego, precisa, baseando-se em Zamora Vicente (1953) e Carballo Calero (1968), que a terminação latina -ANU evoluiu quer para *-ao*, com a variante *-au*, quer para *-an* (no galego ocidental), com uma zona de *-ã*; -ANE evoluiu para *-án*, -ONE para *-ón* e, na flexão verbal, a terminação -UNT do perfeito resultou em *-ón*. Ramón Lorenzo (1988:313), realçando o facto de estas terminações não apresentarem no galego vogais nasalizadas mas vogal oral+consoante nasal velar [ŋ], regista as seguintes terminações no galego actual: -ONE > *-on*, -ANE > *-an*, -ANT > *-an*, -UNT > *-on*.

3 Serafim da Silva Neto (1957), considerando "engenhosa" a hipótese de Leite de Vasconcellos, acrescenta-lhe um elemento de natureza diversa: esta convergência insere-se num conjunto de simplificações fonéticas, resultantes de uma tendência niveladora presente na constituição de uma língua comum numa área de colonização.

4 Hipótese posta recentemente em causa por Ana Maria Martins, que mostra que ditongação e paragoge são evoluções alternativas (se a ditongação depende de uma maior duração da vogal tónica final, então a paragoge anula a condição que propicia a formação de ditongo) e não duas etapas de um mesmo processo (Martins 1995:643-645).

5 Também Clarinda Maia admite uma hipótese "de tipo analógico" (1986:586), sem adiantar como entende ter decorrido o processo.

6 Williams (1986:§157.2) propõe para *vão* o étimo VADUNT. Deste étimo discorda Inês Louro (1952:47-49) que, fundamentando-se nas grafias *van*, *vaam* e *vã* das *Cantigas de Santa Maria* e dos *Cancioneiros da Ajuda* e da *Biblioteca Nacional*, propõe um étimo *VADENT ou *VANT.

7 Também Paul Teyssier (1982:46) afirma que as duas explicações, a fonética e a analógica, são "igualmente verdadeiras, e que se completam", mas não desenvolve a questão.

8 O processo teria tido origem na indistinção entre o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito: "A falta de nitidez na distinción dos valores puido levar á igualación das formas" (Lorenzo 1988:325).

9 Joaquim Brandão de Carvalho (1989) que, tal como R. Lorenzo, se fundamenta no galego actual, considera [-ãŋ] [e [-õŋ] como as formas primitivas do antigo galego-português, resultantes da velarização [-n] > [-ŋ], após a apócope do elemento final; enquanto o galego conservou a terminação primitiva, o português teria vocalizado a nasal velar implosiva. Esta vocalização ter-se-ia processado sobre [-ãŋ] < -AN(E), -AN(T) e [-õŋ] < -ON(E), -UN(T) enquanto [-ãŋa] < -ANA e [-õŋu] < -ONU se mantinham, ainda, num estágio dissilábico.

10 São as formas *casaron* (futuro) e *demandarã*, *sayrã* (perfeito). R.Lorenzo (1988:321) põe em causa estes exemplos, afirmando que Azevedo Ferreira terá interpretado como futuro uma forma do perfeito e como perfeito duas formas do mais-que-perfeito. Ana Paula Banza e Helena Garvão (1997) registam, além de duas formas de pretérito perfeito, *filharã* e *forã*, na *Chancelaria de D. Afonso III*, o indicativo presente *san* nos *Foros de Garvão*. Acrescentam, assim, às duas formas referidas por Azevedo

Ferreira, mais três em que se verifica descoincidência entre a terminação portuguesa do século XIII e a terminação etimológica -UNT.

11 Outros exemplos encontram-se nos *Cancioneiros*: Williams (1986:§157) refere a rima *foã:en vão* (CV, nº1055). Também Inês Louro (1952:49n.23) nota as rimas arcaicas *alvardão* : *chão, verão e vilão*; *alvardan* : *an, dan, can, pan, vam*, nas *Cantigas de Santa Maria*. Cintra (1963:75-6), comentando estas atestações, faz notar o facto de os dois exemplos apontados, *foão* e *alvardão*, serem arabismos. E regista, por seu lado, a presença das formas *tabeliõ, tabaliõ e tabaliã, dayõ e dayã* em documento de Silves de 1309. Também de 1309, um documento de Albufeira apresenta, para além da variação *taballã - taballiõ* (que poderia ser interpretada como resultado da influência de *escrivã*), as formas *mbã e mbãa* (= *mão*). Desta observação deduz Cintra que “-ão é tait dans l’Algarve en 1309, la prononciation générale des anciennes finales en -ã”. Para um comentário pormenorizado e crítico destas abonações vd. R. Lorenzo (1988) e S. Parkinson (1996), que apresenta um quadro de abonações que considera incontroversas (Parkinson 1996:257).

12 As actas das vereações de Loulé de 1384 a 1408 foram editadas e prefaciadas em 1984 por Humberto Baquero Moreno, com leitura paleográfica de Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado.

As actas manuscritas conservam-se no Arquivo Histórico Municipal de Loulé, sob as cotas CMLLE/B/A/001/Lv001 (1384-5), CMLLE/B/A/001/Lv002 (1392), CMLLE/B/A/001/Lv003 (1394-1396) e CMLLE/B/A/001/Lv006 (1408). As de 1408 figuram na edição com a data de 1378, datação posteriormente corrigida por Luís Miguel Duarte (cf. Documentação medieval e moderna recentemente incorporada no Arquivo Histórico Municipal de Loulé. *Al-Ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 3, 1994, 229). Para o presente estudo procedemos ao confronto dos textos editados com os manuscritos e organizámo-los por décadas: 1384-1385, 1392-1396 e 1408, agrupando os textos de 1392 com os de 1394-1396.

13 Excluimos desta análise duas formas, apenas com uma ocorrência cada, uma por ser empréstimo (*caramacham* < cast.), outra por ter etimologia duvidosa (*recadaçam*).

14 Na opinião de Inês Louro (1952:39 e 61) este vocábulo enquadra-se num grupo de formas da baixa latinidade, derivadas com o sufixo -ANUS (ou -IANUS) com o sentido de agente: HORTULANUS < HORTULUS [dimin. de HORTUS] + -ANUS, e o seu plural oscila entre o normal, *bortelãos*, e o análogo, *bortelões*. Tilander (1959:296-298 e 301-302), considerando a variação *ortolano / ortolam* nos foros portugueses do século XIII e a conservação do -L- intervocálico, conclui que estas formas “não podem ser indígenas. Talvez se tenham importado as duas formas castelhanas *ortolano* e *ortolán*, mas *ortolano* poderá constituir importação do lat. *bortulanum*”. Este é, aliás, um dos vocábulos cuja dualidade Tilander considera ter contribuído para o processo análogo de convergência. Mattos e Silva (1989:90) encontra nos *Diálogos de S. Gregório*, do século XIV, seis ocorrências de *bortelan*, *bortolan*, mas nenhuma de *ortellom*. Aliás, nenhum dos autores acima refere esta forma *ortellom* que registámos nas Actas de Loulé.

15 Também a origem deste vocábulo foi objecto de controvérsia: enquanto alguns dicionários a filiam em SCRIBANUS (Machado 1995, s.v. *escrivão*), outros propõem o étimo SCRIBANE (A. G. CUNHA 1987, s.v. *escrever*) (cf. Louro 1952:61).

16 Parkinson (1976:196) regista as primeiras abonações de *tabaliã* por *tabaliõ* desde 1319. Na segunda metade do século XIV estas formas, com terminação -am, são frequentes: encontrámo-las na *Chancelaria de D. Pedrol* (14 ocorrências entre 1357 e 1366), nas *Cortes Portuguesas. Reinado de D. AfonsoIV* (1 ocorrência em 1377), nos *Monumenta Henricina* (4 ocorrências entre 1382 e 1389) e em *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga* (2 ocorrências entre 1389 e 1391). Curiosamente, não ocorrem em nenhum destes textos as formas *escrivom* e *escrivao*, que se registam nestas actas de Loulé.

17 A formação do plural deste vocábulo é também irregular: o plural é feito como se a origem etimológica fosse -ANU ou -ANE ou -ONE (*tabeliãos, tabeliães, tabeliões*). Entre estas várias possibilidades, a escolha tende a recair sobre *tabeliães* (já 80% em 1384-5), o que reforça a hipótese da influência análogica exercida por *escrivam*. Note-se que Parkinson (1996:255) refere ser *tabelião, tabeliães* o único vocábulo que sofreu total regularização morfológica.

18 A não ser que aceitemos o étimo SCRIBANUS.

19 Esta única ocorrência da variante não etimológica poderá, talvez, explicar-se por uma interferência de *tam*, forma mais frequente no texto.

20 A amostra é, como seria de esperar, desigual: enquanto o pretérito perfeito está representado por cerca de 300 formas, apenas recolhemos um total de 7 formas do futuro do presente. Assim, somente os dados referentes ao indicativo presente, imperfeito, pretérito perfeito e ao conjuntivo presente podem considerar-se representativos.

21 Note-se que a grafia <om> nestas formas poderá também ser interpretada, como propõe Ana Maria Martins (1995:641, n.15) como uma evolução dialectal -ANT>-õ, com conservação da vogal final mas com alteração do timbre.

22 A variação <am> ~ <om> ~ <ao> ~ <oo> nestas formas poderá indicar não só a alternância entre as realizações [ã]~[õ]~[ãw], mas também entre [ãw] e [õw]?

Bibliografia

- AVL - *Actas das Vereações de Loulé*. Edição preparada e prefaciada por Humberto Baquero Moreno. Leitura paleográfica, transcrição e índices de Luís Miguel Duarte e João Alberto Machado. (1984) Porto: Edição da Câmara Municipal de Loulé.
- BANZA, Ana Paula e GARVÃO, Helena (1997). As formas verbais em documentos notariais do séc. XIII. Alguns aspectos. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Vol. II*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 31-37.
- BOURCIEZ, Edouard (1910). *Eléments de linguistique romane*. (4ªed., 1946). Paris: Klincksieck.

- BOURCIEZ, Jean (1949). Note sur la résonance nasale des diphtongues accentuées du portugais. *Mélanges d'Etudes Portugaises Offerts à M. Georges le Gentil*, 61-67. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1968). Sobre os dialectos do galego. *Grial*, 23.
- CARVALHO, Joaquim Brandão de (1989). L'origine de la terminaison -ão du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 148-161.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1963). Observations sur l'orthographe et la langue de quelques textes non littéraires galiciens-portugais de la seconde moitié du XIIIe siècle. *Revue de Linguistique Romane*, XXVII, 59-77.
- CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Trad. port. de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos (1980). Lisboa: Edições 70.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. (2ªed. 1987). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- FERREIRA, José de Azevedo (1980). *Alphonse X. Primeyra Partida. Édition et étude*. Braga: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FERREIRA, José de Azevedo (1987). *Afonso X. Foro Real. Edição e estudo linguístico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- LIPSKI, John M. (1973). On the evolution of the Portuguese -ão. *Vox Romanica*, XXXII, 95-107.
- LORENZO, Ramón (1988). Considerações sobre as vogais nasais e o ditongo -ão em português. In: Dieter Kremer (ed.). *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*, 289-326. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- LOURO, José Inês (1952). Origem e flexão de alguns nomes portugueses em -ão. *Boletim de Filologia*, XIII, 37-65.
- MACHADO, José Pedro (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. (7ªed. 1995). Lisboa: Livros Horizonte.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do Galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1995). Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno. *Diacrítica*, X, 3-30.
- MARTINS, Ana Maria (1995). A evolução das vogais nasais finais [ã], [õ], [ẽ], no português. *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*, 617-646. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (1991). *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.
- NETO, Serafim da Silva (1957). *História da língua portuguesa* (4ªed., 1986). Rio de Janeiro: Presença.
- NOBILING, Oskar (1903). Die Nasalvokale im Portugiesischen. *Die Neueren Sprachen*, 11, 129-153 (cit. por WILLIAMS, Edwin B. (1933). The Portuguese final -ão. *Language*, 9, 202-206, 203).
- NUNES, José Joaquim (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. (8ªed., 1975). Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- PARKINSON, Stephen (1976-79). Os tabeliães, o seu título e os seus documentos. *Boletim de Filologia*, 25, 185-212.
- PARKINSON, Stephen (1996). Aspectos teóricos das vogais nasais portuguesas. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Vol. II*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 55-68.
- SAMPSON, Roney (1983). The origin of Portuguese -ão. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 99, 33-68.
- TEYSSIER, Paul (1980). *Histoire de la langue portugaise*. Trad. port. de Celso Cunha (1982). - *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- TILANDER, Gunnar (1959). Porque -am, -om se tornaram -ão em Português?. *Revista de Portugal, série A: Língua Portuguesa*, XXIV, nº176, 292-303.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. (2ªed. 1970 prep. por Maria Adelaide Valle Cintra). Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1911). *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1930). Inéditos de D. Carolina Michaëlis. *Revista Lusitana*, 28, 16-41.
- WILLIAMS, Edwin B. (1933). The Portuguese final -ão. *Language*, 9, 202-206.
- WILLIAMS, Edwin B. (1938). *From Latin to Portuguese (historical phonology and morphology of the Portuguese language)*. Trad. port. de Antônio Houaiss. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. (4ªed., 1986). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ZAMORA VICENTE, Alonso (1953). De geografia dialectal: -ao, -an en gallego. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, 7.